

O impacto da desinformação na educação sexual: um estudo do tema em redes sociais digitais

El impacto de la desinformación en la educación sexual: un estudio de la tematica en las redes sociales digitales

The impact of the disinformation on sexual education: a study of the theme in social media

JULIANA KAMINSKI RODRIGUES¹, JÚLIO CÉSAR RIGONI FILHO², MÔNICA CRISTINE FORT³

Resumo: A pesquisa objetiva investigar o conteúdo de informações falsas sobre a sexualidade feminina disseminadas em comentários de redes sociais. No presente estudo, entende-se tais plataformas como espaços de subjetividade e amplificação dos medos e normas sociais. Assim, promoveu-se uma observação de inspiração netnográfica, durante três meses, valendo-se de buscas por conteúdos sobre educação sexual. De um total de 30 publicações reunidas, selecionaram-se 12 para a análise. Percebeu-se o impacto da desinformação na forma como mulheres e jovens se relacionam com seus corpos e identidades, pois, alinhando-se às perspectivas de Michel Foucault e Judith Butler, muitos dos discursos coletados

¹ Jornalista formada pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), com experiência em produção de conteúdo e jornalismo audiovisual. Participou do projeto Apura Verdade (CNPq) e foi pesquisadora de Iniciação Científica com bolsa CNPq. Autora do livro-reportagem “Mulheres partem para ficar”. Email: contato.julianakaminski@gmail.com.

² Doutorando e Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Realizou, em 2025, estágio doutoral no Departamento de Filosofia da Universidad de Los Andes (Bogotá), com bolsa CAPES. Email: julinhorigoni@hotmail.com.

³ Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP), doutora em Engenharia da Produção (UFSC) com pós-doutorado em Comunicação (UERJ). Email: monicafort@gmail.com.

reforçam normas tradicionais de gênero, perpetuando a ideia de que a sexualidade das mulheres deve ser restrita e controlada.

Palavras-chave: Desinformação; Educação Sexual; Gênero; Redes Sociais Digitais.

Resumen: La investigación tiene como objetivo investigar el contenido de información falsa sobre la sexualidad femenina difundida en comentarios en redes sociales. Se entiende que estas plataformas son espacios de subjetividad y amplificación de miedos y normas sociales. Así, se llevó a cabo una observación de inspiración netnográfica durante tres meses, mediante búsquedas de contenidos relacionadas con la educación sexual. De un total de 30 publicaciones recopiladas, se seleccionaron 12 para el análisis. Se observó el impacto de la desinformación en la manera en que mujeres y jóvenes se relacionan con sus cuerpos e identidades, ya que, en línea con las perspectivas de Michel Foucault y Judith Butler, muchos de los discursos recogidos refuerzan normas tradicionales de género, perpetuando la idea de que la sexualidad femenina debe ser restringida y controlada.

Palabras clave: Desinformación; Educación Sexual; Género; Redes Sociales Digitales.

Abstract: This research aims to investigate the content of false information about female sexuality disseminated in social media comments. These platforms are understood as spaces of subjectivity and as amplifier of social fears and norms. A netnography-inspired observation was conducted over three months, focusing on searches for content related to sex education. Out of a total of 30 collected posts, 12 were selected for analysis. The study observed the impact of misinformation on how women and young people relate to their bodies and identities. Aligned with the perspectives of Michel Foucault and Judith Butler, many of the collected discourses reinforce traditional gender norms, perpetuating the idea that female sexuality must be restricted and controlled.

Keywords: Disinformation; Sex Education; Gender; Social Medias.

Introdução

A internet faz, cada vez mais, parte do dia a dia dos usuários. Uma parcela significativa da população permanece online desde o início do dia até o fim, seja em contexto de trabalho, na procura de entretenimento ou na comunicação com amigos. É um fato que a vida sexual também passou a estar mais ligada ao online, quer para encontrar conteúdos que provocam excitação, quer para aceder a informação de natureza mais pedagógica.

Observa-se um esforço social, expresso em filmes, séries e novelas, para esclarecer temáticas e orientar públicos sobre sexo. Instituições de ensino e assistência social buscam esclarecer e direcionar a educação sexual, até mesmo para não disseminar eventuais estranhezas e preconceitos. No entanto, também se observa uma onda conservadora que tenta impedir que o assunto seja discutido com naturalidade.

Com o fácil acesso às mídias digitais, os cidadãos assumem o papel de informantes, como mencionado por Ramonet (2013), registrando fatos e compartilhando-os no mundo virtual. Eles não são mais meros receptores passivos das notícias divulgadas pela grande mídia. Se a informação não os agrada, procuram outras fontes na internet até encontrarem uma que lhes satisfaça. Nessa busca por novas fontes de informação, surge um personagem destacado na troca de informações: o “líder de opinião”, conforme apontado por Derosa (2019). Esse líder de opinião tem o poder de disseminar suas próprias visões e influenciar a maioria, transmitindo uma forma particular de ver as coisas, algo que pode fomentar desinformações, confusões e ideias equivocadas sobre conceitos que impactam a sociedade.

Um exemplo disso é a temática da sexualidade, assunto sobre o qual repousa esta pesquisa. O tema ainda sofre preconceito dentro e fora do ambiente virtual, inserido em um sistema de desigualdades que estabelece normas e princípios morais que são disputados e reiterados. No caso das questões ligadas às mulheres, Oliveira e Gonçalves (2018) ressaltam a importância de discutir a sexualidade feminina para romper tabus e valorizar os desejos das mulheres, proporcionando conhecimento sobre questões que envolvem a sexualidade feminina e, também, para que as mulheres tenham mais independência sobre si mesmas e seus corpos e para promover sua saúde física e mental. Já para Lelo e Caminhas (2021), discutir a sexualidade é importante para entender como as normas em torno de gênero e sexualidade se constituem, e como os valores morais são estabelecidos nas práticas sociais. Assim, torna-se um problema de pesquisa: como lidar com conteúdos potencialmente prejudiciais à educação sexual nas mídias sociais?

Desse problema, desprende-se o objetivo geral de investigar o conteúdo de informações falsas sobre a sexualidade feminina disseminadas em redes sociais. Assim, o artigo estrutura-se da seguinte forma: inicialmente, contextualiza-se o processo de desinformação enquanto amplificador de medos sociais, ao recuperar a construção sócio-histórica da sexualidade enquanto dispositivo de coerção dos corpos femininos; na sequência,

acessam-se os comentários de redes sociais sobre sexualidade, de 2020 até 2024; e, por fim, discute-se sobre os prejuízos causados pela desinformação nas questões de educação sexual feminina.

Desinformação, medos e coerção dos corpos femininos

O atual contexto infodêmico e desinformativo trouxe instabilidades e desafios para o Jornalismo. Além de informar, contextualizar e interpretar a realidade, é necessário combater um ecossistema desinformativo digital, onde conteúdos enganosos em formato de textos jornalísticos (*fake news*) são amplamente propagados. Essa situação é característica da pós-verdade, conforme explica Santaella (2018). Para a autora, atualmente, os desafios concentram-se nas notícias falsas que circulam abundantemente na internet, e sua relação com as bolhas de informação viciada, também conhecidas como “câmaras de eco”, condições as quais culminaram na era da pós-verdade (Santaella, 2018).

Maffesoli (2010) reflete sobre a pós-modernidade, destacando um momento em que a lógica racionalista da modernidade cede espaço para interações impulsionadas por afetos, emoções e pela contemplação do subjetivo. Nas redes sociais digitais, esse processo se torna mais complexo, resultando em novas éticas que priorizam a construção de notícias, em detrimento de sua veracidade, com base na tecnomagia, mecanismos sutis e até mesmo inconscientes, que escapam à lógica puramente racional e contratualista da modernidade. Trata-se de uma fusão de tecnologia com um pensamento mágico e místico, transformando a vida cotidiana em experiências que evocam o sagrado através de meios como a internet e as redes sociais (Yacoub, 2022).

O acesso público a meios de comunicação em larga escala, que antes estava restrito às grandes empresas de comunicação, facilita a circulação de conteúdos produzidos por novos produtores. A internet abriu novas possibilidades de comunicação, tornando as fronteiras entre produtores e consumidores ainda mais difusas (Jenkins, 2009). No entanto, essa facilidade também permite o uso imoral e ilegal dessas ferramentas, o que inclui a propagação de notícias falsas, ou seja, conteúdos falsos que imitam o formato de notícias tradicionais e são amplamente propagados em ambientes digitais (Carvalho, 2019).

Embora o conceito seja contraditório, uma vez que as notícias produzidas por jornalistas não deveriam conter aspectos não verdadeiros ou manipulações da realidade, o termo se popularizou para se referir a histórias enganosas

espalhadas maliciosamente por fontes que se passam por legítimas (Torres et al., apud Meneses, 2018). Dentre as estratégias utilizadas para conferir credibilidade, persuadir e incentivar o compartilhamento de informações estão a associação de conteúdos falsos a informações verdadeiras, relações lógicas de raciocínio, uso de linguagem formal e menção a nomes de profissionais reconhecidos ou supostas autoridades no assunto, acompanhadas de declarações contundentes. Além disso, há o deslocamento espaço-temporal de sujeitos e eventos reais, porém em diferentes contextos.

A produção e disseminação intencional de conteúdos falsos e enganosos, com o objetivo de influenciar a opinião pública, abalam a credibilidade de instituições democráticas. Há uma ascensão da literatura centrada em apreender as características, a infraestrutura de produção e os modos de circulação da desinformação nos últimos anos. A influência das eleições nos Estados Unidos e no Reino Unido em 2016 influenciou o aumento da preocupação e atenção sobre o tema da desinformação (Lelo; Caminhas, 2021).

O debate sobre a desinformação e seu impacto na sociedade, o qual questiona se a desinformação é realmente um problema tão grave como é retratado, argumenta que a disseminação dessas informações é semelhante a um contágio viral. No entanto, a desinformação não pode ser tratada apenas de forma técnica, pois suas raízes estão na cultura e na moralidade da sociedade. Com isso, boatos e 'notícias falsas' desempenham papéis diferentes no ecossistema da desinformação. Enquanto os boatos podem ser baseados em relações sociais e na intersubjetividade, as publicações deliberadamente falsas projetadas para enganar o público. A disseminação da desinformação não é apenas um problema técnico, mas também está enraizada em valores morais compartilhados pela sociedade (Lelo; Caminhas, 2021).

Outro aspecto a se considerar é a busca incessante pela monetização da atenção, característica dos modelos de negócio das redes sociais, que faz com que seus algoritmos privilegiem conteúdos capazes de mobilizar emocionalmente usuários. A dinâmica cria um ambiente especialmente propício para a circulação de desinformação, já que materiais enganosos tendem a gerar alto engajamento. Nesse contexto, a desinformação deixa de ser um efeito colateral e torna-se um componente amplificado pela própria lógica algorítmica, com consequências profundas para a segurança digital. Isso se dá a tal ponto que o Relatório de Riscos Globais do Fórum Econômico

Mundial⁴ identifica a desinformação como um risco mais crítico no curto prazo e como um dos mais preocupantes na década. Este alerta evidencia não se tratar apenas de um desafio comunicacional, mas de uma ameaça sistêmica.

De acordo com o Digital 2023 Global Overview Report, cerca de 4,76 bilhões de pessoas utilizam redes sociais, ambientes fortemente moldados por modelos de negócios baseados na chamada economia da atenção, que se sustenta através de dados e interações de usuários. É essa lógica, predominante entre as principais plataformas, que orienta a priorização de conteúdos capazes de capturar e manter o engajamento contínuo, definindo a dinâmica informacional contemporânea (Vieira; Fort, 2024). A abordagem dominante dos atuais modelos de negócios da maioria das plataformas digitais gira em torno da “economia da atenção”.

Algoritmos são projetados para priorizar o conteúdo que mantém a atenção dos usuários, maximizando assim o engajamento e o faturamento publicitário. O conteúdo impreciso e discurso de ódio concebidos para polarizar os usuários e gerar emoções fortes costuma ser o que gera mais engajamento. Como resultado, algoritmos são conhecidos por recompensar e ampliar a informação falsa, a desinformação e o discurso de ódio (ONU, 2023, p. 7).

Saindo dessa contextualização inicial, mas sem deixar de lado o olhar sob as condições pelas quais os discursos de desinformação ganham fôlego, passa-se a aprofundar os conceitos de sexualidade, cumprindo com o objetivo de recuperar a construção sócio-histórica da sexualidade enquanto dispositivo de coerção dos corpos femininos. Para tanto, resgatam-se os estudos foucaultianos, acrescidos de interpretações recentes.

Foucault (1977) entende a sexualidade como parte de um dispositivo histórico de poder, cujas relações podem estar presentes em diversas áreas e agentes da sociedade, como entre homens e mulheres, pais e filhos, educadores e alunos etc. Os dois momentos da história da sexualidade são o século XVII, marcado pela repressão e valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, e o século XX, caracterizado por uma certa tolerância em relação às relações pré-nupciais e extramatrimoniais, bem como pela atenuação da condenação dos perversos.

Já dos dispositivos de sexualidade mencionados pelo filósofo, destaca-se a histerização do corpo da mulher, processo em que o corpo feminino é analisado

⁴ Desinformação e clima extremo são os principais riscos globais, alerta Fórum Econômico Mundial. Disponível em: < <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/desinformacao-e-clima-extremo-sao-os-principais-riscos-globais-alerta-forum-economico-mundial> >. Acesso em 1 de março de 2024.

como saturado de sexualidade, integrado às práticas médicas e posto em comunicação com o corpo social, o espaço familiar e a vida das crianças e a pedagogização do sexo da criança, ou seja, a afirmação de que quase todas as crianças são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual, sendo essa atividade incorreta, já que traz danos físicos e morais.

A construção histórica da sexualidade feminina no Brasil passou por várias fases, como nos lembra Oliveira e Gonçalves (2018), sendo primeiramente centrada na mulher unicamente como reprodutora, submissa aos desejos masculinos e altamente influenciada por instituições religiosas, como a Igreja Católica. Os autores consideram ainda, que com o tempo houve mudanças, como a entrada da mulher no mercado de trabalho (por conta de marcos históricos, como a 1ª e 2ª Guerra Mundial e a Revolução Industrial) e a conquista de mais espaços na sociedade, proporcionando mais autonomia, independência e a possibilidade de adquirirem mais conhecimentos sobre elas mesmas.

No Brasil contemporâneo, o neoconservadorismo defende a reafirmação das normas de gênero e sexualidade, buscando restabelecer os papéis sociais no seio da família e da nação, combatendo as identidades que supostamente estariam corroendo os valores tradicionais. Entendemos, desse modo, que:

...investigar a expressividade e a configuração narrativa da desinformação sobre gênero e sexualidade no Brasil permitirá, portanto, discutir as sensibilidades morais acionadas por meio das histórias falsas que incidiram nessas questões (Lelo; Caminhas, 2021, p. 182).

De acordo com Butler (2018), na esteira foucaultiana, a normatividade em torno de gênero e sexualidade se instituem em meio ao universo contencioso da moralidade, buscando estabelecer uma coerência entre as identidades de gênero e as expressões da sexualidade que passam a ser aludidas e reiteradas no cotidiano. Foucault (1977) entende que o ato sexual deve ser submetido a um regime de cautela, destacando a importância da moderação e do controle dos prazeres sexuais dentro de uma ética do domínio de si. Neste sentido, a socialização das condutas de procriação envolve incitações ou freios à fecundidade dos casais, medidas sociais ou fiscais para controlar a reprodução e a atribuição de valor patogênico às práticas de controle de nascimentos. Essa constatação é levada pelo autor em outras de suas obras, sendo que suas indicações e exemplos mostram que os conhecimentos sobre a sexualidade são formados nas sociedades a partir de normas, valores e práticas que regulam e orientam os indivíduos em relação aos seus desejos e prazeres sexuais (Foucault, 1985).

Ampliando esse âmbito, o controle judiciário dos corpos e da sexualidade se refere às práticas de repressão e controle exercidas pelas instituições jurídicas, que visavam regular e punir determinados comportamentos considerados desviantes ou impróprios, como as relações sexuais fora do casamento, as perversões sexuais, entre outros. Já o controle médico dos corpos e da sexualidade diz respeito às práticas de medicalização e patologização da sexualidade, que surgiram no século XIX e tinham como objetivo controlar e regular os corpos e as práticas sexuais, considerando aspectos como a hereditariedade, as doenças venéreas e as perversões sexuais. Foucault (1985) destaca ainda a influência da idade do sujeito nos atos sexuais ao mencionar que jovens devem se abster de prazeres sexuais para preservar sua saúde e vigor físico, enquanto os mais velhos podem desfrutar desses prazeres de forma mais moderada.

A partir dessas constatações históricas sobre a dimensão da sexualidade feminina, a pesquisa avança para explorar como as redes sociais podem favorecer a desinformação ligada a tais aspectos.

Percurso metodológico: em busca de comentários de redes sociais sobre sexualidade feminina

Partindo para a etapa de coleta de dados, estabeleceu-se o objetivo específico de acessar aos comentários de redes sociais sobre acerca da temática da sexualidade nos últimos anos, durante 4 meses (entre agosto de 2023 e março de 2024). Tal recorte temporal foi definido a partir do cronograma inicial da pesquisa de iniciação científica, além do período permitir captar publicações recentes, ainda em circulação, por abranger dois anos.

Foram observadas quatro redes sociais: TikTok, Instagram, X (Twitter) e Facebook. A seleção dessas plataformas para a coleta de dados justifica-se pela sua ampla utilização entre jovens e adolescentes no Brasil, conforme demonstrado por pesquisas recentes sobre o consumo de internet no país. Segundo dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br⁵), as redes sociais são acessadas por mais de 90% dos jovens, destacando-se como principais fontes de informação e interação social. Esse cenário revela a importância dessas plataformas como espaços privilegiados para a

⁵ A pesquisa completa está disponível em: <https://www.cgi.br/noticia/releases/tic-kids-online-brasil-2021-78-das-criancas-e-adolescentes-conectados-usam-redes-sociais/>. Acesso em: 1 out. 2024.

disseminação e troca de informações sobre sexualidade, nas quais as representações sociais e os discursos emergentes podem ser analisados de forma crítica. Portanto, ao investigar os comentários nessas redes, busca-se não apenas compreender as percepções e conhecimentos dos usuários, mas também identificar lacunas na educação sexual e potenciais consequências das informações disseminadas.

Tomando como base a observação de redes sociais e inspirando-se em procedimentos netnográficos (Fragoso, Recuero e Amaral; 2011), a atenção voltou-se tanto para as postagens de criadores de conteúdo envolvidos com temas de saúde (como médicos e outros profissionais de saúde), quanto para a reverberação dessas publicações em comentários nas próprias postagens. A busca por conteúdos ocorreu de duas maneiras: (i) exploração direta nas linhas do tempo e nos perfis de criadores de conteúdo e (ii) a busca por palavras-chave (*tags*⁶), devido à dificuldade de localizar conteúdos específicos, sobretudo sobre ISTs e higiene íntima.

A partir das buscas, durante a observação, foram localizadas 30 publicações contendo discussões sobre sexualidade. Dentre essas publicações, 12 foram selecionadas para análise aprofundada. Os critérios de inclusão foram: (i) pertinência temática, no qual a publicação deveria abordar diretamente uma das palavras-chave de busca; (ii) a diversidade de temas, para reunir variedade entre métodos contraceptivos, ISTs, higiene íntima e sexualidade; (iii) e a representatividade de cada plataforma, separando publicações de todas as quatro redes observadas.

A técnica de análise envolveu a identificação de padrões discursivos, a partir dos quais foi promovida uma codificação inicial dos comentários, agrupando-os por semelhança temática em seus conteúdos. Com tal divisão, formou-se um quadro descritivo para cada um dos comentários selecionados, apresentado na sequência:

Quadro 1: Comentários localizados nas redes sociais

Data da postagem	Rede Social	Transcrição do comentário	Descrição
17/02/2024	TikTok	“Eu menstruei a gravidez toda dos meus 2 filhos tanto que descobri os	Encontrado em um vídeo em que a criadora (enfermeira)

⁶ As palavras-chave (*tags*) usadas na busca foram: “pílula anticoncepcional”, “pílula do dia seguinte”, “anticoncepcional”, “preservativo”, “camisinha”, “higiene íntima”, “infecção urinária” “IST”, “DST”, “sexualidade feminina”.

		dois com 8 meses de gestação”	estava explicando o porquê gestante não menstrua.
11/12/2021	TikTok	“Saliva também pode transferir HIV”	Encontrado em um vídeo em que a criadora (médica) comenta como o vírus HIV é transmitido.
18/01/2023	TikTok	“já fiquei com infecção urinária no banheiro da casa dos outros imagina em público”	Encontrado em um vídeo em que o criador (médico) comenta sobre como não é possível pegar ISTs em banheiros públicos.
18/04/2024	X (Twitter)	“o meu primo perguntou se ele tb tinha q tomar a pílula do dia seguinte”	Pessoa conta seu relato com conhecido.
26/02/2024	X (Twitter)	“Minha primeira namorada era virgem (eu tbm) e morria de medo de engravidar. Pedi para que eu colocasse duas camisinhas, uma em cima da outra. Eu coloquei, as duas estouraram e hoje sou pai de uma linda menina.”	Pessoa comenta sobre o uso de dois preservativos.
21/02/2020	X (Twitter)	“Só passando pra lembra meus crias e as Barbie! Que o efeito do álcool corta o efeito da pílula do dia seguinte!!! Bjsss bom carnaval”	Pessoa comenta sobre o efeito do álcool com a pílula do dia seguinte.
15/04/2024	Facebook	“Sim, o HPV tem cura. Conhecido também como [...]”	Encontrado em uma publicação em que o criador (médico) afirma que HPV tem cura.
14/04/2024	Facebook	“[...] O sabonete íntimo é a chave para a higiene da mulher porque possui substâncias controladoras da	Encontrado em uma publicação em que a criadora (pessoa comum) afirma que o uso de sabonete

		acidez natural da pele da região íntima [...]”	líquido íntimo é necessário para a higiene.
12/04/2024	Facebook	“[...] Estou grávida de 34+2 de uma menina, porém tem pessoas que me deixaram frustada, disseram que o meu é menino só pq a minha barriga é pontuda e sou magra [...]”	Encontrado em uma postagem em que o criador (pessoa comum) afirma que é possível saber o gênero do feto pelo formato da barriga.
26/03/2024	Instagram	“Olha vcs sabiam que fazer a duchinha com arueria 2x por semana aperta a vagina e sem falar que limpa é tira todos os fungos que a nós ã vemos a olho nu”	Pessoa sugere ações para higiene íntima.
25/12/2022	Instagram	“Eu ia fazer o meu com 39 anos, mas o Dr. da empresa falou que só com 50 anos, pois fica melhor. Daí não fiz ainda, já estou com 41 anos.”	Encontrado em um post do Instagram em que o criador (estudante de medicina) mostra como é realizado o exame de próstata
08/02/2024	Instagram	“Eu passo álcool 70 que ganhei vários na época da pandemia”	Encontrado em um post no Instagram em que o criador (médico) comenta sobre higiene íntima.

Fonte: Os autores (2025).

Antes de promover a interpretação dos temas localizados, à luz da literatura selecionada, cabe apontar algumas percepções advindas do processo de busca das publicações. Encontraram-se com maior recorrência comentários sobre métodos contraceptivos, principalmente as pílulas (tanto a pílula anticoncepcional quanto a pílula do dia seguinte) e quais elementos cortam o efeito do medicamento – sendo que a maioria das informações não tinha veracidade. Parte-se da hipótese que a falta de informação adequada, aquela lecionada nos primeiros anos do ensino básico, sobre o uso desses métodos contraceptivos, favorece esse tipo de comentário, ou, tais relatos são formas de amedrontar outros usuários da rede social. Podemos observar expressões

como “tanto que descobri os dois com 8 meses de gestação” e “já fiquei com infecção urinária no banheiro da casa dos outros imagina em público”, as quais são falsas e podem levar a graves consequências para a saúde de mulheres, como a falta de diagnóstico precoce de uma gravidez, o medo de utilizar banheiros públicos e a propagação de informações errôneas sobre doenças sexualmente transmissíveis.

Os comentários sobre higiene íntima e Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) foram mais difíceis de se localizar, motivo pelo qual optou-se pela busca por palavras-chave (tags). Grande parte das postagens eram de profissionais da saúde comentando como funciona a transmissão das ISTs, com os comentários fazendo o papel oposto – falando que é possível sim contrair ISTs em ambientes inóspitos.

Os usuários homens e os comentários sobre a sexualidade masculina apoiam-se no sensacionalismo e no humor. Por exemplo, um dos comentários ressalta a falta de informação sobre o exame de próstata, revelando a resistência de alguns homens em cuidar da sua saúde de forma preventiva. Em contrapartida, outros comentários demonstram a desconexão com a realidade quando se trata de informações sobre higiene íntima masculina, como o uso de álcool 70 para essa finalidade. Além disso, pode-se perceber que são utilizadas imagens sensacionalistas para prender a atenção de quem está consumindo a rede.

A escolha das redes sociais TikTok, Instagram, X (Twitter) e Facebook para a coleta de dados se justifica pela sua ampla utilização entre jovens e adolescentes no Brasil, conforme demonstrado por pesquisas recentes sobre o consumo de internet no país. Segundo dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br⁷), as redes sociais são acessadas por mais de 90% dos jovens, destacando-se como principais fontes de informação e interação social. Esse cenário revela a importância dessas plataformas como espaços privilegiados para a disseminação e troca de informações sobre sexualidade, onde as representações sociais e os discursos emergentes podem ser analisados de forma crítica. Portanto, ao investigar os comentários nessas redes, busca-se não apenas compreender as percepções e conhecimentos dos usuários, mas também identificar lacunas na educação sexual e as potenciais consequências das informações disseminadas.

⁷ A pesquisa completa está disponível em: <https://www.cgi.br/noticia/releases/tic-kids-online-brasil-2021-78-das-criancas-e-adolescentes-conectados-usam-redes-sociais/>. Acesso em: 1 out. 2024.

Discussões: as consequências da desinformação sobre sexualidade feminina

Oliveira e Gonçalves (2018) comentam sobre o fato de, por tanto tempo, as mulheres serem submissas quando o assunto era sexo, seja pela falta de informação ou de acessibilidade para elas na época. Nos anos 1960, quando surgiu a pílula anticoncepcional, as mulheres conseguiram separar o sexo de algo exclusivamente reprodutivo para algo prazeroso.

O que percebemos na atualidade, é o possível impacto que a desinformação gera ao promover a submissão feminina diante de aspectos ligados à sua própria sexualidade. Diante disso, mostraram-se úteis as discussões de Lelo e Caminhas (2021), ao aprofundarem a relação entre desinformação, normas de gênero, e sexualidade, pânico moral e contexto sociocultural. Os autores fornecem uma base teórica importante para entender como a desinformação se relaciona com questões sexuais e de gênero, e suas análises conjunturais levaram-nos a perceber possíveis fatos políticos anteriores à pesquisa.

Em 2007 chegou ao Brasil o livro *Aparelho Sexual e Cia*, indicado para pré-adolescentes e adolescentes entre 11 e 15 anos de idade. Tal obra literária se tornaria epicentro de uma polêmica política protagonizada pelo hoje presidente Jair Bolsonaro e alimentaria *fake news*, sobretudo durante o período das últimas eleições presidenciais de 2018.

O ‘*kit gay*’⁸ – termo pejorativo que acabou originando uma série de *fake news* – baseava-se em um material didático direcionado a professores para tratar da cidadania e dos direitos humanos da população LGBTQIAPN+. Bolsonaro passou a afirmar, em programas de TV, que tal livro era uma das obras distribuídas pelo MEC. Ele também declarou que a obra teve espaço em um ‘seminário LGBTQIAPN+ infantil’, nas suas palavras, – na verdade, um evento ocorrido em maio de 2012, sobre o tema ‘infância e sexualidade’.

Ao longo dessa campanha eleitoral, dentro da pauta moralista defendida pelo então candidato Bolsonaro, o tema voltou à tona. Ele chegou a levar o livro na entrevista concedida, durante a campanha eleitoral, ao Jornal Nacional, da TV Globo. O material, deturpado por seus apoiadores, serviu para alimentar uma série de *fake news* a respeito do suposto ‘*kit gay*’.

⁸ PINHO, Angela. Material que originou *fake news* sobre ‘*kit gay*’ apareceu em 2010. 5 de set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/material-que-originou-fake-news-sobre-kit-gay-apareceu-em-2010-entenda.shtml>. Acesso em: 1 out. 2024.

Outro caso envolvendo a desinformação sexual em casos políticos foi o comentário feito pelo candidato do PRTB à Presidência, Levy Fidelix, durante debate promovido pela TV Record em 2014. Em resposta à pergunta feita pela candidata do PSOL, Luciana Genro, sobre a recusa dos que defendem a família “a reconhecer como família um casal do mesmo sexo”, Fidelix afirmou que “aparelho excretor não reproduz” e ainda convocou “a maioria” a “enfrentar essa minoria”⁹.

O caso, envolvendo comentários homofóbicos e propagação de discursos de ódio contra a comunidade LGBTQIAPN+, é um exemplo de como a desinformação sexual pode ser usada como instrumento para disseminar preconceito e discriminação, o que reforça a articulação entre moralidade, controle social e discurso político. Situação semelhante é perceptível nos comentários analisados, que reproduzem elementos de pânico moral e de estigmatização. Prova-se, com isso, a importância da educação sexual para uma melhor qualidade de vida dos jovens.

Esse resgate de aspectos anteriores à pesquisa demonstra que o atual cenário de desinformação ligada à sexualidade feminina possui um lastro histórico, que se vale de momentos de tensão social e política, como em contextos eleitorais, ou mediante a ascensão de discursos de ódio, para projetar seus valores e ideias.

Como salientam Lelo e Caminhas (2021), ao analisar o cenário recente da desinformação ligada à sexualidade no Brasil, os fatos eleitorais mencionados expressam o intenso processo de debate moral e simbólico travado na sociedade (e que transborda para as redes sociais), ao redor da defesa de ideais normativos de gênero e de sexualidade, buscando regular as possibilidades de expressão e manifestação dos corpos (Butler, 2018). Trata-se, portanto, da inflamação de um pânico moral, que, para os autores, está associado ao neoconservadorismo, o qual encontra raízes na história da ideia de sexualidade, como se levantou a partir de Oliveira e Gonçalves (2018). Os dispositivos de poder foucaultianos e as normas de gênero butlerianas são perceptíveis nos comentários analisados nesta pesquisa, principalmente quando dúvidas sobre o corpo feminino são alvos de ridicularizações ou moralizações.

⁹ UOL. "Aparelho excretor não reproduz", diz Levy Fidelix; veja frases da semana. 3 de out. 2014. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2014/10/03/aparelho-excretor-nao-reproduz-veja-frases-da-semana.htm>. Acesso em: 1 out. 2024.

No cenário latino-americano, Rodríguez (2020) identifica que a lógica neoliberal, que amplamente preconiza o consumo exacerbado, gera impactos no campo da sexualidade. Principalmente, quando mensagens sexualizadas, com o objetivo de entreter ou de persuadir, são difundidas na sociedade. Com isso, a autora problematiza que a capacidade crítica dos indivíduos deve ser estimulada, para que questionem os conteúdos aos quais estão expostos.

A revisão de literatura promovida por Vélez de La Calle e Santamaría-Vargas (2023), sobre a educação sexual na América Latina, identifica padrões problemáticos: os programas escolares sobre educação sexual continuam presos a discursos preventivos, moralistas e heteronormativos. Além disso, as autoras identificam que as lacunas na formação docente e a ausência de políticas públicas inclusivas que favorecem a disseminação de estigmas, de mitos e de desinformações.

Os achados mobilizados por Rodríguez (2020) e Vélez de La Calle e Santamaría-Vargas (2023) dialogam com os resultados perceptíveis nesta pesquisa, ao passo em que os comentários analisados, por reproduzirem mitos, pânicos e informações distorcidas, apresentam as lacunas estruturais na formação educacional e no debate público sobre sexualidade.

Resgatando o que se explicou anteriormente, depreende-se a ideia de que o poder disciplinar de controle dos corpos e da sexualidade exercido pelas instituições, sejam elas jurídicas ou médicas, está diretamente ligada com a desinformação nas mídias sociais contemporâneas. Ressalta-se isso, pois, esses mecanismos de controle foram historicamente construídos e aplicados em diferentes contextos sociais.

A história da sexualidade, se quisermos centrá-la nos mecanismos de repressão, supõe duas rupturas. Uma no decorrer do século XVII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquiva obrigatória do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem; a outra, no século XX; menos ruptura, aliás, do que inflexão da curva: é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar (Foucault, 1977, p. 108).

Na esteira de Foucault (1988), as relações de poder, a normatização da sexualidade e as estratégias de controle mostram-se presentes nos comentários analisados. Isso, pois entende-se que as redes sociais gestam espaços em que as relações de poder e as normas sociais relacionadas à sexualidade são replicadas e reconfiguradas, influenciando comportamentos, discursos e valores. Consequentemente, sexualidade denomina a ampla teia de superfícies “em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos

prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (Foucault, 1988, p. 99).

Dentre as formas de saber e de poder, o filósofo aponta uma simbiose entre os processos jurídicos e médicos, no que diz respeito à identificação, avaliação e patologização de comportamentos considerados femininos. A menstruação, mencionada em alguns comentários identificados nas redes sociais, seria um momento em que a mulher deve se abster de relações sexuais, indicando que a sexualidade está intimamente ligada à reprodução e à regulação dos prazeres (Foucault, 1985). Nos comentários analisados, houve a recorrência dessa justificativa, na persistência do entendimento de que a sexualidade feminina deve ser controlada e restringida, evocando nas interações digitais lógicas normativas historicamente consolidadas.

Tal achado relaciona-se com o que Oliveira e Gonçalves (2018) constatarem: durante séculos, o sexo para as mulheres era tido somente como forma de reprodução, não restando a elas outra função para o ato, sendo que grande parte nem se dava conta do quanto isso as atingia, logo, formava-se uma normalização do ajuste das condutas ligadas à sexualidade.

Mas, o que se percebeu na recente análise dos comentários das redes sociais foi a exposição de aspectos tidos como íntimos, como dúvidas sobre gravidez e menstruação, ou o reforço de estereótipos, como nas menções às infecções sexualmente transmissíveis. Portanto, há a permanência de um discurso que mescla aspectos médicos e sanitários com condenações morais, aproximando-se das constatações foucaultianas. Os discursos higienistas e moralizantes são evidentes nos comentários analisados, o que explicita a desinformação como vetor para a manutenção de controles sociais, principalmente nos corpos femininos.

Reconhece-se que um dos desafios do atual cenário da pós-verdade (Santaella, 2018) é, justamente, produzir informações jornalísticas confiáveis diante de um ecossistema desinformativo digital, que se alimenta de polêmicas, ódio e pânico moral. A pós-modernidade de Maffesoli (2010), ao instaurar a valorização das interações afetivas e subjetivas, vai de encontro a isso. Logo, os comentários obtidos ao longo da análise desta pesquisa revelam dinâmicas sensíveis, que apontam para aberturas subjetivas da intimidade dos sujeitos, como nas dúvidas sobre o funcionamento de seus próprios corpos.

O valor desta exposição supera o da construção jornalística, baseada na apuração e reprodução dos fatos, pois está centrado na exposição de cada

sujeito, o que pode contribuir para formar uma rede de informações baseada na partilha de experiências comuns ligadas a sexualidade, na esteira do que Jenkins (2008) entende como a capacidade de todo usuário das redes sociais desenvolver conteúdos próprios (e compartilháveis). Entretanto, a análise dos comentários atesta que tal partilha não é neutra, mas atravessada por lutas simbólicas e morais; molda-se, com isso, o que pode ou não ser dito.

Mas, como já destacado em outros trechos desta pesquisa, a abertura promovida pelas redes sociais potencializa o uso imoral (e muitas vezes ilegal) dessas ferramentas. Isso se evidencia no teor misógino e machista de muitos comentários resgatados: eles reproduzem condutas sociais que menosprezam e invisibilizam as mulheres, valendo-se de estereótipos de gênero e piadas sexistas. Tais comentários evocam, no nível empírico, os mecanismos de controle e disciplinamento do corpo feminino (Foucault, 1977, 1985, 1988; Butler, 2018), elucidando as normas de gênero como operados de possibilidades de fala ou expressão das mulheres. Diante de tal fenômeno, pode ocorrer um afastamento das mulheres das redes, por sentirem-se oprimidas, ou conduzir a lutas e disputas no cenário digital, semelhante aos movimentos e ativismos já promovidos por elas em outros âmbitos.

Considerações finais

A investigação sobre informações falsas relacionadas à sexualidade feminina em redes sociais evidenciou que ambientes digitais continuam a reproduzir e a intensificar mecanismos históricos de controle dos corpos e de comportamentos sexuais de mulheres. Ao empregar contribuições de Foucault, Butler e de estudos contemporâneos sobre desinformação, verificou-se que os discursos enganosos analisados não são apenas fruto de desconhecimento, mas se articulam a sistemas de poder, normas morais e tradições socioculturais que moldam a forma como a sexualidade feminina é compreendida, vigiada e julgada.

As observações realizadas no TikTok, Instagram, X e Facebook permitiram identificar padrões recorrentes de desinformação, especialmente sobre métodos contraceptivos, higiene íntima e infecções sexualmente transmissíveis. Tais conteúdos, além de reforçarem mitos historicamente associados ao corpo feminino, produzem consequências diretas à saúde física e emocional de mulheres ao gerar medo, confusão, vergonha e resistência à busca por informações qualificadas. A presença de comentários que oscilam

entre sensacionalismo, moralismo e humor depreciativo revela ainda como espaços digitais continuam marcados por estruturas misóginas e preconceituosas que deslegitimam a autonomia feminina.

Os dados também reiteram a urgência de fortalecer políticas de educação sexual e de ampliar o papel das plataformas digitais na contenção de conteúdos enganosos, sobretudo aqueles que podem comprometer decisões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva. A desinformação sobre sexualidade não é apenas um problema comunicacional: ela se inscreve em disputas morais da contemporaneidade, alimenta pânicos sociais e repercute em esferas políticas, como observado neste estudo.

Nesse cenário, destaca-se a necessidade de formar comunicadores e jornalistas capazes de abordar temas da sexualidade com rigor científico, sensibilidade de gênero e responsabilidade ética. Entende-se, ainda, que as plataformas, por sua vez, precisam assumir compromissos mais efetivos com a elucidação, a curadoria e o combate a conteúdos prejudiciais, promovendo ambientes menos hostis e mais seguros para a circulação de informações.

Por fim, entende-se que a análise do material sobre o tema em foco exige também um posicionamento reflexivo sobre as dinâmicas de poder que permeiam tanto a produção do conhecimento quanto o funcionamento das redes. A presença de mulheres na investigação, interpretação e disputa desses discursos é fundamental para tensionar representações estereotipadas e ampliar as possibilidades de autonomia, expressão e cuidado. Estima-se que novas pesquisas possam seguir iluminando tais relações, contribuindo para uma educação sexual mais plural, crítica e informada, capaz de enfrentar a desinformação que ainda atravessa a vida de mulheres no ambiente digital.

Bibliografia

ALCANTARA, Izabela Santana de; TORRES, Velda Gama Alves. **#Menstruação**: do tabu à visibilidade menstrual online. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais [...]. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1589-1.pdf>.

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-Industrial**. Revista de Jornalismo ESPM, São Paulo, n.5, p. 30-89, abril/maio/jun. 2013. Disponível em: http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf. Acesso em: 1 out. 2024.

BELL, Emily; Owen, Taylor. **The Platform Press**: How Silicon Valley Reengineered Journalism. Tow Center for Digital Journalism. Columbia Journalism School. 2017. Disponível em: http://towcenter.org/wpcontent/uploads/2017/04/The_Platform_Press_Tow_Report_2017.pdf. DOI:10.7916/D8R216ZZ. Acesso em: 1 out. 2024.

BERGER, Guy. Prefácio. In: IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie (editores). **Jornalismo, fake news & desinformação** – manual para educação e treinamento em jornalismo. Série Unesco sobre Educação em Jornalismo. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2020. Disponível em: <http://portaldobibliotecario.com/wpcontent/uploads/2020/06/ManualFakeNews.pdf>. Acesso em: 1 out. 2024.

BONOTO, Carolina. **Entre o ódio e a desinformação**: o controle biopolítico das sexualidades no Brasil. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais [...]. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1208-1.pdf>. Acesso em: 1 out. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Editora José Olympio, 2018.

CARVALHO, Rafiza Luziani Varão Ribeiro. **Notícias falsas ou propaganda?** Uma análise do estado da arte do conceito fake news. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 7, n. 13, janeiro-junho/2019, p. 21-30. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/19177>. Acesso em: 1 out. 2024.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DEROSA, Cristian. **Fake news**: quando os jornais fingem fazer jornalismo. São Paulo: Estudos Nacionais, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FRAGOSO, Sueli, RECUERO, Raquel & AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LELO, Thales Vilela; CAMINHAS, Lorena. **Desinformações sobre gênero e sexualidade e as disputas pelos limites da moralidade**. Matrizes, v. 15, n. 2, p. 179-203, 2021. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v15i2p179-203. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1430/143068488017/>. Acesso em: 1 out. 2024.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução a uma sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MENESES, João Paulo. **Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news**. Observatório, v.12, n.5, p.37-53, 2018. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376/pdf>. Acesso em: 1 out. 2024.

OLIVEIRA, Edicleia Lima de; GONÇALVES, Josiane Peres. **História da sexualidade feminina no Brasil**: entre tabus, mitos e verdades. Revista Ártemis, v. 26, n. 1, p. 303, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2018v26n1.37320. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320>. Acesso em: 1 out. 2024.

ONU. **Informe para política para a nossa agenda comum**: Integridade da informação para plataformas digitais. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2023-10/ONU_Integridade_Informacao_Plataformas_Digitais_Informe-Secretario-Geral_2023.pdf>. Acesso em 15 de mar. 2024.

RODRÍGUEZ, Andrea. **La desinformación de la sexualidad**; reflexión desde la alfabetización mediática y el neoliberalismo. México Social, 11 out. 2020. Disponível em: <https://www.mexicosocial.org/la-desinformacion-de-la-sexualidad/>. Acesso em: 18 nov. 2025.

SANTAELLA, Lúcia. **A Pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

VÉLEZ DE LA CALLE, Claudia del Pilar; SANTAMARÍA-VARGAS, Juliana del Pilar. **Políticas, saberes y relatos de Educación Sexual**: una revisión de la literatura latinoamericana 2000-2022. Educación y Ciudad, n. 45, p. e2870, 2023. DOI: 10.36737/01230425.n45.2023.2870. Disponível em: <https://revistas.idep.edu.co/index.php/educacion-y-ciudad/article/view/2870>. Acesso em: 18 nov. 2025.

VIEIRA, Karine Moura; FORT, Mônica Cristine. **#SEPHORAKIDS**: integridade da informação, ameaça à reputação e necessidade de educação midiática. In: ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024,

Niterói. Anais eletrônicos..., Galoá, 2024. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/sephorakids-integridade-da-informacao-ameaca-a-reputacao-e-necessidade-de-educac?lang=pt-br>>. Acesso em: 21 Nov. 2025.

YACOUN, Leila Fayek Tacla. **Michel Maffesoli e a “tecnomagia”**. Revista Filosófica São Boaventura, v. 16, n. 1, jan/jun. 2022. Disponível em: <https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/view/150>. Acesso em: 10 out. 2024.

Recebido em: 20/09/2025

Aceito em: 30/01/2026